

Um dos principais fatores que explicam o aumento da desigualdade nos países da OCDE são **transformações no mercado de trabalho**, decorrentes da globalização, de avanços tecnológicos e da flexibilização de leis trabalhistas. Enquanto trabalhadores qualificados em setores de alta tecnologia (setor financeiro, telecomunicações, farmacêutico, etc.) tiveram aumentos substanciais dos ganhos, empregos com baixa qualificação sofreram a concorrência direta de países emergentes com mão de obra bem mais barata. Este cenário ampliou a fragmentação entre os trabalhadores, diminuindo sua densidade sindical e força política especialmente nos países centrais.



Países	Anos 1970	1981	Anos 1980	Anos 1990	2004
EUA	70,0	69,4	68,7	67,5	66,5
EU dos 15	74,2	75,3	71,5	68,4	66,7
França	73,6	76,4	71,6	67,1	66,0
Alemanha	72,2	73,1	69,5	66,4	64,2
Reino- Unido	75,0	73,9	74,4	73,7	73,9
Itália	72,2	71,7	69,9	64,6	61,6

Fonte: Comissão Europeia *apud* Pihon (Cf. 2006, p.130)

Nota: A participação salarial está corrigida pela taxa de assalariamento

“A participação da renda dos trabalhadores no PIB é cada vez menor na maioria dos países, o que alimenta o risco de mal estar social e afeta o consumo, afirmou a Organização Internacional do Trabalho (OIT) no seu novo relatório. Em 16 economias desenvolvidas, a proporção média do trabalho diminuiu de 75% da renda nacional em meados dos anos 1970 para 65% nos anos imediatamente anteriores à crise de 2008. Em 16 economias em desenvolvimento e emergentes, diminuiu de 62% do PIB nos primeiros anos da década de 1990 para 58% antes da crise” (O Globo, “Cai participação da renda do trabalho no PIB dos países”, 07/12/2012)

Fonte: Carleial, L; Azaïs, C.
“Mercados de trabalho e hibridização: uniformidade e diferenças entre França e

Brasil” in

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792007000300003&script=sci_arttext

Em primeiro lugar, tais transformações no mundo do trabalho foram desencadeadas pelo **desenvolvimento e aplicação da microeletrônica aos diferentes momentos do processo produtivo** a partir da década de 1970. Com isso, uma série de atividades industriais realizadas por operários transformou-se em rotinas pré-programáveis realizadas por máquinas automáticas, reduzindo o número médio de trabalhadores na unidade fabril.

Paralelamente, novos meios de comunicação e transporte possibilitaram que o processo produtivo se desconcentrasse, levando à desindustrialização de regiões que antes reuniam os setores mais combativos dentre os trabalhadores

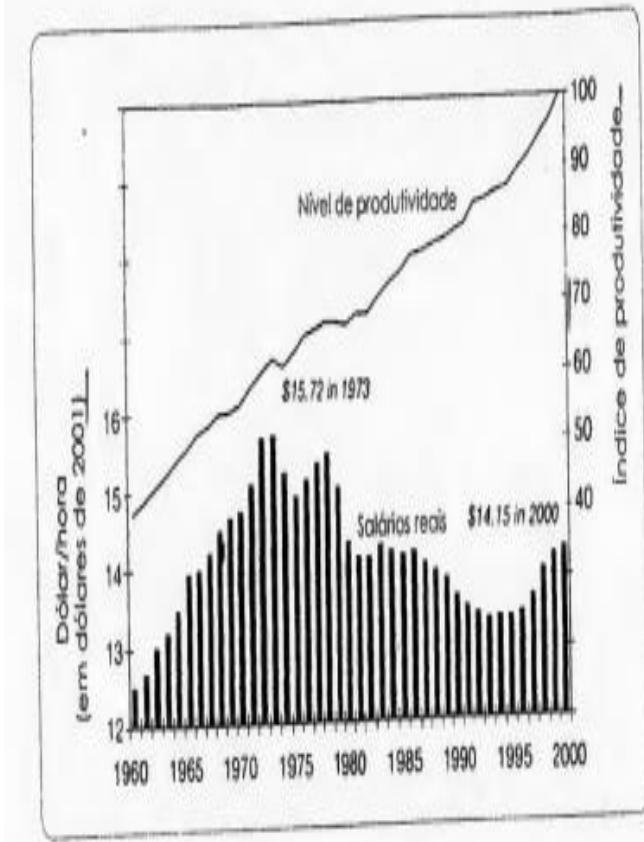


Figura 1.4 O ataque ao trabalho: salários reais e produtividade nos Estados Unidos, 1960-2000

Fonte: Pollin, *Contours of Descent*

(David Harvey. “O Neoliberalismo”: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008)

*The
Decline
of
American
Unionism*



K I M M O O D Y

(Moody, Kim. *An injury to all: The decline of american unionism*. Londres: Verso, 1988)

“Em 1954, nos EUA havia 31.800 fábricas pertencentes a empresas industriais proprietárias de múltiplas fábricas. Em 1977, havia 81.200 fábricas desse tipo. Mas durante o mesmo período, o número médio de operários por fábrica diminuiu de 233 para 124. Enquanto a produção industrial aumentou em mais de 160%, o número de operários cresceu apenas cerca de 10%. Os operários industriais tinham aumentado muito o volume de sua produção, mas estavam dispersos geograficamente e isolados pelo próprio processo produtivo”

Por um lado, o processo de difusão da microeletrônica e da automação levou à ***exploração do componente intelectual daqueles setores da força de trabalho que permaneceram nas indústrias.***

Enquanto o Fordismo havia se baseado em linhas de produção com trabalhadores individualizados, com ritmos e movimentos “cientificamente administrados” por gestores, o Toyotismo baseia-se em equipes de trabalhadores encarregados de fiscalizarem-se mutuamente, estimuladas a identificar e corrigir aspectos do processo produtivo de maneira proativa, prescindindo de escalões administrativos intermediários

Fordismo

Produção em massa

Produção em série

Concentração Produtiva

Trabalho especializado

Poder de Estados e Sindicatos

Estado de bem-estar social

Toyotismo (pós-Fordismo)

Produção em pequenos lotes

Produção flexível

Dispersão, desconcentração

Trabalho flexível (maior qualificação)

Poder financeiro e individualismo

Estado neoliberal

João Bernardo

DEMOCRACIA, TOTALITARIA

Teoria e prática da
empresa soberana

CORTEZ
EDITORA

(BERNARDO, João. *Democracia totalitária: Teoria e prática da empresa soberana*. São Paulo: Corteza, 2004. p.89)

“Essa nova maquinaria requer o recrutamento de outros tipos de trabalhadores, providos de novas qualificações. Essa exigência é especialmente sensível nas empresas onde está instalado o just in time, pois o fato de colocar num dado posto alguém sem as devidas habilidades não tem repercussões negativas apenas sobre o setor em que essa pessoa opera, mas tem consequências nefastas sobre toda a linha de produção. O estudo da indústria automobilística realizado entre 1986 e 1988 pelo Massachusetts Institute of Technology verificou que enquanto as empresas europeias davam em média aos novos assalariados 173 horas de formação e as empresas norte-americanas davam 46 horas, as japonesas davam 380 horas”

Por outro lado, o processo de difusão da microeletrônica e da automação levou a um **aumento da fragmentação da força de trabalho.**

Durante as últimas quatro décadas, grande companhias vem prescindindo da realização direta de numerosas atividades, terceirizadas entre subcontratantes dispersas no espaço.

Multiplicaram-se neste contexto contratos de trabalho por tempo determinado e/ou com

jornadas parciais, via de regra com uma cobertura precária de direitos trabalhistas.

Proliferaram-se também trabalhadores “por

conta própria” em plataformas digitais, subordinados a empresas sem que elas assumam custos trabalhistas com estes “empreendedores”.

Com isso, empregos estáveis e relativamente bem remunerados característicos do período fordista assumem crescentemente a forma de relações instáveis e desprovidas de proteção.

Comparação de salários e benefícios

Na indústria química - dados de 2014

	Efetivo
Função	Técnico mecânico
Remuneração	R\$ 17,28 por hora
PLR	1,8 salários + INPC
Horas extras	110%
Auxílio creche	50% do salário

Fonte: Sindicato dos Químicos de São Paulo/Subseção do Dieese na CUT

	Terceirizado
Função	Técnico mecânico
Remuneração	R\$ 10,18 por hora
PLR	R\$ 1 mil
Horas extras	100%
Auxílio creche	Não tem

Valor econômico

“Terceirizado pode ir a 75 do total, diz estudo”, 24/03/2017

João Bernardo

DEMOCRACIA TOTALITÁRIA

Teoria e prática da
empresa soberana

CORTEZ
EDITORA

(BERNARDO, João. *Democracia totalitária: Teoria e prática da empresa soberana*. São Paulo: Corteza, 2004. p. 114)

“A microeletrônica permite reunir nas mesmas redes de produção um número considerável de firmas muitíssimo variadas. Para uma empresa, o just in time constitui uma forma sofisticada de subordinar estreitamente a suas necessidades cada fornecedor e cada subcontratante e de orquestrar a atividade de todos eles consoante o ritmo imprimido pela própria produção. Isto significa que além de controlarem os seus trabalhadores, os administradores da empresa principal adquirem, através das informações que obtêm e das especificações que enviam, um elevado grau de controle sobre a força de trabalho que labora nas fornecedoras e subcontratantes”

Uma das consequências mais importantes de tais transformações no mercado de trabalho ao longo dos últimos 40 anos foi o **contínuo enfraquecimento político e sindical dos assalariados** especialmente nos chamados países capitalistas centrais. Enquanto aumentou a concentração de riqueza, poder e informações nas mãos das classes dominantes em meio à transnacionalização do capitalismo na segunda metade do século XX, a crescente fragmentação das classes trabalhadoras levou à relativa desagregação de suas organizações, redes de solidariedade e identidades coletivas em meio à crescente competição global. Corroeram-se dessa maneira as bases que haviam possibilitado o pacto capital-trabalho entre 1940 e 1970.

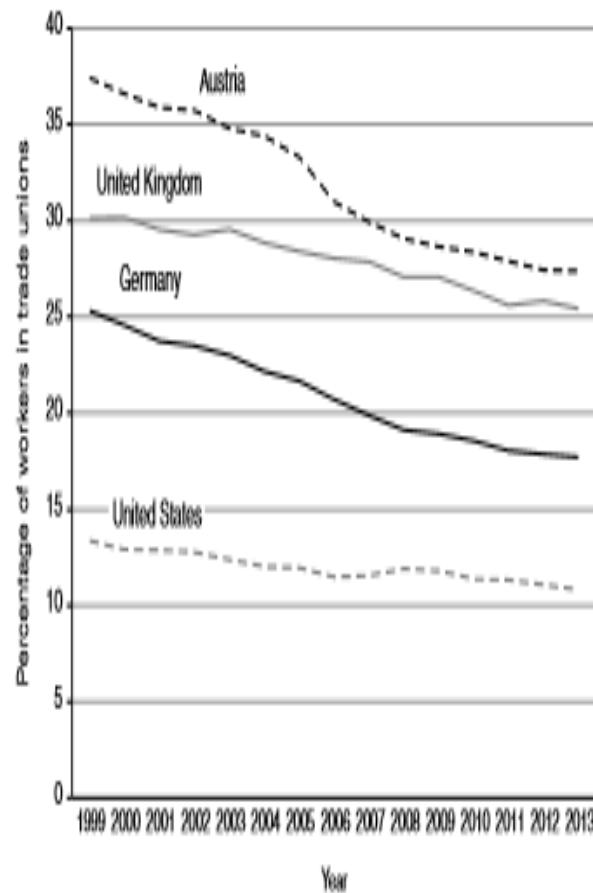


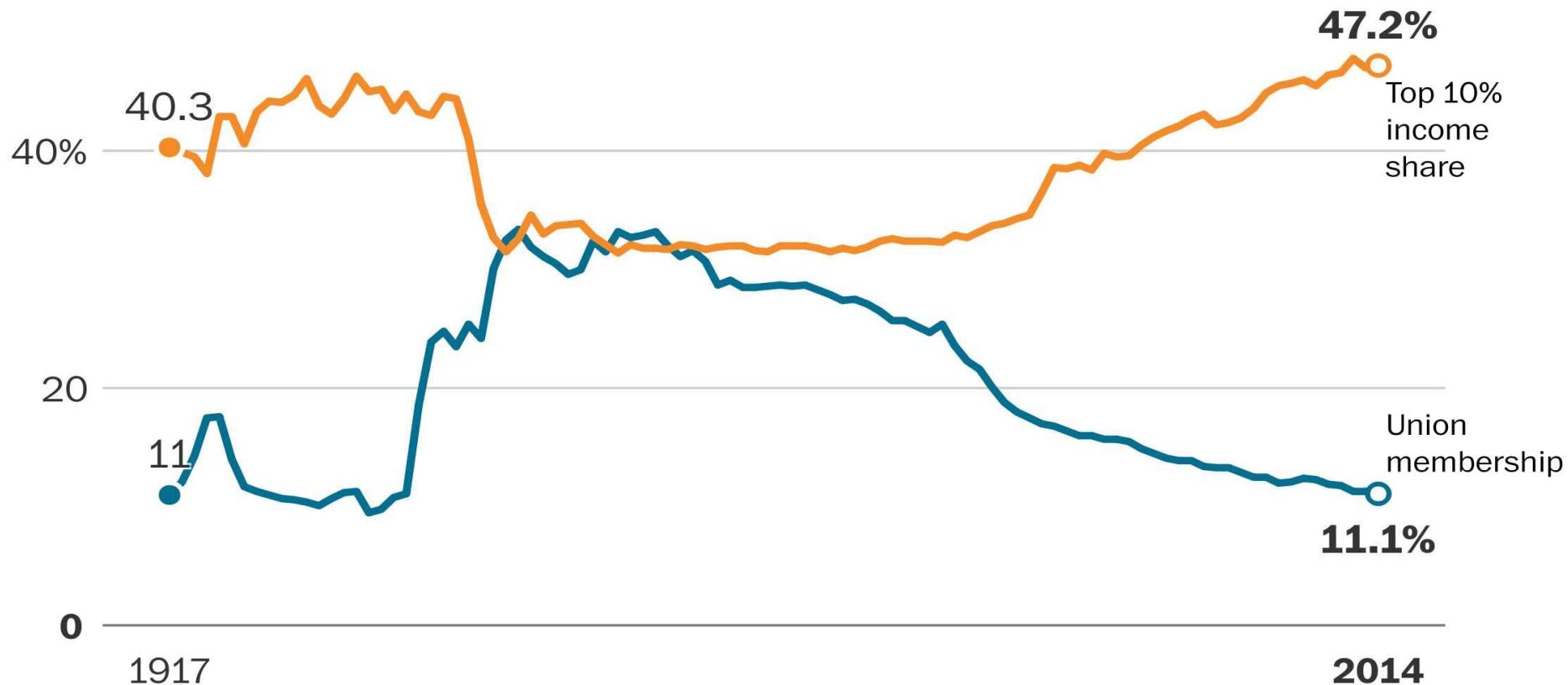
FIGURE 2.22. Trade union density in selected OECD countries, 1999–2013

This graph shows the percentage of workers who belong to trade unions in Austria, the United Kingdom, Germany, and the United States. It shows that the percentage has been decreasing since 1999. Data source: Based on OECD data available at https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=UN_DEN.

Fonte: MILANOVIC, Branko. Global Inequality. Cambridge, Massachusetts, 2016

As union membership falls, income concentrates at the top

Share of income going to top 10% of earners vs percent of American workers belonging to unions, 1917 to 2014



Source: Economic Policy Institute

WAPO.ST/WONKBLOG

<https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2018/01/19/union-membership-remained-steady-in-2017-the-trend-may-not-hold/>